



## A PRODUÇÃO DO SILÊNCIO: VIVÊNCIAS E PRÁTICAS DO ENSINO RELIGIOSO NO RIO DE JANEIRO ENTRE A LAICIDADE E A CONFSSIONALIDADE

Sandra Aparecida Gurgel Vergne  
Mestranda em Ciências da Religião  
PUC-SP  
sandragurgleja@yahoo.com.br  
Bolsista CAPES/PROSUP

GT1 – Educação e Religião

**Resumo:** O presente trabalho apresenta a experiência do Ensino Religioso em uma escola da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. Utilizo como território teórico, os autores Walter Benjamin, para pensar as produções que se dão no cotidiano; Sérgio Junqueira, na perspectiva da discussão do Ensino Religioso; e Afonso Soares nas proposições teóricas das Ciências da Religião. Através destes autores busco pensar o atravessamento da religião, da religiosidade, da violência, da política e da laicidade no cenário contraditório do Estado do Rio de Janeiro, que institui o Ensino Religioso de forma confessional. O momento atual tem sido de transformações sociais profundas, em um momento em que os olhos do mundo se voltam mais uma vez para seu cenário, palco de grandes eventos internacionais. Mas ainda há as construções e resistências do que fica silenciado, em especial quando observamos a dinâmica social frente a implantação de uma nova política de segurança, através das Unidades de Polícia Pacificadora. O Rio de Janeiro é também o berço religioso de grandes denominações neopentecostais brasileiras, já tendo na maior parte de seus municípios da região metropolitana uma maioria evangélica. Estado e igreja, esperança e morte, ruptura e homogeneização, tensionam-se em seu cotidiano. Acresce-se ao cenário os desafios colocados pela necessidade da aplicação da implementação a Lei 10639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394 de 1996, ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. Na prática escolar proponho trazer para o Ensino Religioso a discussão acerca da ética de existir, da transcendência e gerar um movimento de deslocamento do lugar negativo para o afirmativo, como propõe o poeta martinicano, ÉDOUARD GLISSANT para trazer à tona o que está submerso na sociedade. Neste processo prático de bricolagem, atuo com o objetivo de trazer as vivências de respeito às diversas matrizes religiosas, às diversas cores e materiais com que se faz a vida, através das memórias de histórias que nascem no coração da África/Brasil. Se faz necessário, como proposta de preservação da vida, valorizar o respeito aos mais velhos, o respeito às diferenças, a relação do homem com a natureza, a quebra dos mitos estabelecidos e de compreender a diversidade humana. Apesar da confessionalidade seria possível intervir na valorização da diversidade humana? Como para além do dogma e da parcialidade do olhar, permitir a escuta das vozes se calam?

**Palavras-chave:** Educação, Ensino religioso, Diversidade

## O CENÁRIO DO SILÊNCIO

O cenário emerge de um longo processo de exclusão e segregação, com sua maioria negra, às margens da antiga capital do país. Enquanto o sino toca da Igreja São Sebastião de Olinda, em Nilópolis, na Baixada Fluminense, em outro lugar da cidade, a Igreja Universal do Reino de Deus, já tem suas portas abertas antes das seis da manhã. Enquanto isso vários corpos negros já se deslocam em direção à cidade do Rio de Janeiro, trazendo em seus lábios os hinos das igrejas neopentecostais, muitas vezes vendidos a dois reais em coletâneas “piratas” nos vagões dos trens.

Um local que foi um dos mais importantes cenários de casas de candomblé no Brasil, a cada dia dá origem a igrejas novas onde os evangélicos são maioria em 9 dos 13 municípios da Baixada Fluminense. O hoje as tensões religiosas que acontecem no Rio de Janeiro, têm produzido reflexões importantes que envolvem o Ensino Religioso, sua aplicabilidade da regulamentação da legislação brasileira dentro dos estados e municípios no estabelecem do modelo do Ensino Religioso no Brasil. Que acaba por deixar apartada devido a visão eurocêntrica da educação a religiosidade afroindígena brasileira. O desafio diante deste contexto é dar visibilidade as praticas de preconceito racial para que possamos quebra La onde aparece nos pequenos atos do cotidiano.

Todo território cercado está exposto a ocupações, a disputas, como todo território sacralizado está exposto a profanações. As lutas históricas no campo do conhecimento foram e continuam sendo lutas por dessacralizar verdades, dogmas, rituais, catedráticos e cátedras. A dúvida fez avançar as ciências e converteu o conhecimento em um território de disputas. (ARROYO, 2011, p. 17).

É neste território que é moradia de grande parcela dos trabalhadores, de maioria negra e pobre, vão espremidos nos vagões dos trens e ônibus que ligam os 13 municípios que Baixada Fluminense, na região metropolitana rumo ao coração empresarial da cidade. Assim como nos meados do século XVI trouxe o primeiro carregamento de mão de obra escrava negra para o trabalho, hoje os trens desembarcam todos os dias na central do Brasil os corpos negros que circulam de sua localização territorial, pensada para ser lugar de segregação e exclusão para uma

determinada parte da população.

Na busca pela sobrevivência, o desejo de se assemelhar financeira e culturalmente aos da “Casa Grande”, produz um movimento de migração pendular cotidiana. Apinhados em nos vagões de trens, apertados como no passado no navio negreiro, para pesados serviços nas casas, nos prédios, nas lanchonetes e nos mercados populares do centro da cidade.

Mas a proximidade com a “cidade maravilhosa”, não foi o suficiente para vencer os impasses colocados pelos projetos de segregação. Em 2014, a partir de uma pesquisa realizada pela *Delta Economics & Finance / América Economia*, publicada no site da **Revista Exame** em 05/12/2014, duas cidades da Baixada (Duque de Caxias e Belford Roxo) encabeçaram a listas das piores grandes cidades do país. As cidades da Baixada Fluminense são também as principais cidades negras do estado.

A divisão étnica da região metropolitana do Rio de Janeiro mostra seus efeitos também nos índices de educação, saúde, desenvolvimento municipal, saneamento, entre outros. Todos os piores índices do estado se concentram ao lado da prosperidade da capital. (Jornal O GLOBO, 18/09/2014). E ainda mais grave: A Baixada Fluminense, com metade da população da capital, possui 59,1% a mais de homicídios, segundo dados do Instituto de Segurança Pública, referentes aos dados de 2014.

Quais as formas sutis de manutenção de práticas de exclusão? Como estas atravessam as ações do estado, mesmo que, por lei, diga praticar o oposto? De que forma a população brasileira afrodescendente permanece com menos acesso a qualidade de serviços públicos? E como promover o fortalecimento identitário desta população em um contexto cultural que ainda busca um ideal de branquitude eurocentrada? É possível trazer a voz dos (ditos) vencidos?

Tradições orais materializam-se em organizadas palavras comunitárias, uma espécie de enciclopédia da palavra oral, produzida, transmitida e renovada em fazer-se contínuo do corpo e da comunidade. Gêneros orais de comunicação caracterizam-se pela presença marcante de corpos produzidos com fortes vínculos a *palavra*, considerada “na sua formulação e na sua proferição, como um agente ativo, eficaz” (ANTONACCI, 2014, p. 37)

Os grilhões da opressão podem se re-significar quando o verbo renasce trazendo a vida o que estava submerso na memória. Onde religião e cidade se misturam em um cenário de naturalizadas segregações, há a tentativa de uma ocultação de uma tensão visível e sensível. Entre religião, estado, laicidade e violência na disputa do poder, as ações do estado pretendem *pacificar* os bairros de pobres e negros, através da fé e da lei, na falta de recursos para ações sociais. Esta construção discursiva é silenciadora, por calar a reflexão sobre nossa realidade social e religiosa.

Mas o que resiste para além do que está à tona dos discursos? Se por um lado, temos a segregação, preconceito e destruição da identidade ancestral, temos as estratégias cotidianas de construção da sobrevivência, o que escapa e a latência de que este verbo seja resignificado. A oralidade ainda persiste nas conversas do trem que rompem com o individualismo imposto. Nos terreiros da Baixada ainda se fala de uma história pouco conhecida, do negro sobre o negro. Romper com o modelo imposto remete a um resgate da palavra como portadora da construção de um mundo diverso do estabelecido. Os grupos humanos descendentes da África, talvez possam, no resgate da visão de mundo de seus antepassados, mais coletiva e baseada na oralidade, fazer frente a um processo de desumanização que os transformou em número como força de trabalho e consumo.

É neste contexto que o Ensino Religioso, em meio às tensões que emergem da luta por poder, religioso e político, diante um cenário de intolerância religiosa pode estabelecer estratégias de respeito à vida. O Estado do Rio de Janeiro tem sido palco de diversas ações de violência contra pessoas que se apresentam sendo de religiões de matiz africana. Em junho de 2015, uma menina de 11 anos foi apredrejada na saída de uma cerimônia por dois jovens que brandindo a Bíblia gritavam: “É o diabo, vai para o inferno, Jesus está voltando”. (MAGGIE, G1, 18/06/2015). Na Baixada mães de santo tiveram suas casas queimadas. Mãe Conceição de Lissá, em Duque de Caxias, já passou por 6 atentados e uma tentativa de homicídio em seu terreiro (ESTADÃO, 27/06/2014).

Este cenário vai adoecendo ainda mais a sociedade que mantém ainda hoje as

marcas da racialização presente nas relações sociais de nosso país. Nesta história o outro era e é coisificado, demonizado em sua religiosidade. Mas ao mesmo tempo contem em si as resistências possíveis através das tramas da cultura.

Acostumando o olhar naquele ambiente reconstituente de *apartheid* em outras dimensões, tornam-se visíveis indícios de astuciosas culturas de resistência, manifestas em renovações de tradicionais concepções de “universo” de culturas africanas, como vestígios de expressões do vigor, da transgressão e do refinamento de culturas amordaçadas, mas não silenciadas. Em recônditos de memórias, seus valores e crenças questionarão “sempre cada vitória dos dominadores” (BENJAMIM, 1994, p. 224).

Os tambores, proibidos no passado, ainda acabam por vezes tendo que tocar na clandestinidade apesar da liberdade religiosa constitucionalmente garantida. As contas não podem ser mais usadas no pescoço em alguns espaços, são guardadas para que não sejam vistas, para que seus corpos sejam protegidos da fúria insensata dos intolerantes. Objetos sagrados de religiões de matriz africana são demonizados pelo discurso mágico de alguns grupos religiosos neopentecostais. Ritos mantidos pela tradição vêm sendo apagados da memória daqueles que já professaram a religiões de matrizes africana e indígena, e hoje se dizem libertos do “demônio”.

Se a narrativa, no ato do trabalho pedagógico, pudesse deixar emergir no que constrói, uma forma de fazer no coletivo é a possibilidade do aparecimento do desejo e da transformação, através de um alimento vivo que é a palavra. Como capturar os sons do silêncio na vida cotidiana, absorvida pelo capitalismo que consome a história, a esperança? Como entender o olhar transformador destas vozes silenciadas pelos ruídos de carros, buzinas e fragmentos de frases, que vão diminuindo a palavra? Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida, para recriá-lo. Como libertar os corpos, se o cenário que nos mostra, em particular o Rio de Janeiro o segundo estado do país em número de queixas de intolerância religiosa? O Rio está atrás apenas de São Paulo no ranking da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. As comunidades os terreiros estão sendo incendiados. Já há registros na Associação de Proteção dos Amigos e Adeptos do Culto Afro-Brasileiro e Espírita de pelo menos 40 pais e mães de santo expulsos de favelas da Zona Norte pelo tráfico.

O sentido de vida, a identidade, negra é negado a cada instante. Como fazer do

Ensino Religioso parte integrante da formação básica do cidadão? Como nos aproximarmos de um ideal de laicidade em uma sociedade que talvez nunca tenha sido laica? O Catolicismo, que fora estruturante da alma brasileira, à ferro e sangue, passou, com República, a compartilhar o poder com o Positivismo, que se tornaria a ferramenta do estado para uma nova relação com a transcendência. Mas e as vozes e preces cantadas e dançadas por negros e indígenas? Onde estão?

### ALÉM DO QUE ESTÁ NA SUPERFÍCIE

Para isso apontamos que é necessário um Ensino Religioso que vá além do que está na superfície, que possa atuar na sociedade, refletindo acerca da diversidade de espiritualidades, mas também possa se entender como um cientista. A Ciência da Religião Aplicada ao Ensino Religioso, pode muito contribuir para estas leituras para além do que está escrito no campo da escolarização e, porque não, da não alfabetização destes meninos e meninas das escolas públicas. Ali está a maior parcela da população negra que teve sua religiosidade roubada/negada/demonizada. O que surge é o crescimento de religiões neopentecostais híbridas.

O fenômeno das igrejas neopentecostais representa um hibridismo à brasileira onde o cristianismo se impôs como oficial, mas onde as filosofias religiosas fundantes da maior parcela da população são de matriz africana e indígena. Este é um exercício necessário para aprendermos a *reolhar* como diz MINGOLO (2008). É possível, no abrir espaço, que costumes, rezas e África(s) em sua dimensão religiosa emirjam.

Crentes ou não, membros de uma comunidade religiosa ou adeptos de uma visão cética da ciência, uma vez confrontados com o sujeito religioso, não há como não emergir neste pesquisador as incertezas mais profundas de seu imaginário. Assim, a pesquisa de religião provoca questionamentos sobre a nossa própria noção de verdade. Mais que uma desintegração da autoridade etnográfica, como nos reportava James Clifford, o trabalho de campo em estudos de religião nos leva constantemente aos limites da capacidade de análise sobre nossa condição frente à esperança de um mundo pleno de significados. (GUERRIERO, 2010, p. 63)

O educador deveria ser um *bricoleur*, como estratégia de lidar com a diversidade que está presente na sala de aula. A bricolagem é *um modo de investigação que busca incorporar diferentes pontos de vista a respeito de um mesmo fenômeno*, como nos diz KINCHELOE ao nos falar da pesquisa no campo educacional. (NEIRA & LIPPI, 2012. p. 610). A tessitura de diferentes pontos de vista pode ser extremamente rica para a produção de conhecimento e vida. Ainda mais quando falamos de diversidade cultural. É na costura de vidas que podemos praticar a preservação de identidades possíveis.

As práticas do professor de Ensino Religioso podem possibilitar o libertar de vozes caladas, ou reforçar seu silêncio. Desobedecer à ordem urbana é trazer a tessitura de varias matizes da sabedoria popular, que falam do que é vivido. É transgredir a ordem.

Graças a esta transformação podemos compreender que histórias entrecruzadas estão em plena elaboração, se colocam ao nosso conhecimento, e produzem o sendo. Nós renunciamos ao Ser. [...] A relação (que é ao mesmo tempo relação e relato, ato e discurso) se substitui àquilo que só em aparência poderia constituir o princípio mesmo da relação, o seu "motor", dito e havido como universal. (GLISSANT, 1981. p 28, apud ROCHA, 2001)

Há que se incorporar o processo, Para além da cristalização de identidades planejadas em livros. A purificação almejada pelos ideais platônicos, das religiões hegemônicas ditas cristãs, tem produzido apenas a rejeição do que é diferente, com a consequente produção do desejo de eliminação do outro.

Afinal, a vida são máscaras que ressignificam a forma de ver o mundo. O mito toca o mundo através do corpo da cultura, produzindo sentidos de viver e ações no mundo podem produzir a vida e a morte. As possibilidades de construção do respeito à vida são marcadas pelo cuidado, ao contrário da produção da guerra.

## Referenciais

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2ª ed São Paulo: Educ, 2014.

ARROYO, M. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000

BENJAMIN, W. **O Narrador in Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, Volume I**. 7ª edição. Editora Brasiliense, 1994.

GUERRIERO, S., **Objetividade e subjetividade no estudo das religiões: desafios do trabalho de campo**. in 64 PLURA Revista de Estudos de Religião, vol.1, nº 1, 2010.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. **Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional**. Educação & Realidade, v. 37, n. 2, p. 607-625, 2012.

ROCHA, Enilce Albergaria. **Édouard Glissant e a Identidade Cultural**. Artigo Apresentado no V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes. Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto. 2001

SOARES, Afonso Maria Ligorio, & KRONBAUER, Selenir Corrêa G. **Educação e Religião**. São Paulo. Paulinas. 2013.